

maior o volume de empréstimos, maior é o spread praticado, o que invalida qualquer evidência de que o setor bancário esteja repassando os ganhos de eficiência aos consumidores.

Estudos feitos no Brasil exploram modelos econométricos, que não capturam o efeito da concentração bancária sobre o spread praticado. Entendemos que essa variável é importante na decomposição da margem de ganho dos bancos. A tabela que acompanha o artigo mostra a concentração do setor.

Em pesquisa recente, utilizamos um modelo oligopolístico para o qual foi estimada a relação entre o número de bancos e a tendência do spread. O estudo mostra que, à medida que aumenta o número de competidores, observa-se queda no custo

---

**Quanto maior o volume de empréstimos, maior é o spread, o que inibe o repasse aos clientes de ganhos de eficiência**

---

dos empréstimos. Outro ponto importante é o que se refere à composição do spread bancário (cunha fiscal, custos administrativos, inadimplência e margem do banco), sobretudo os impactos da inadimplência.

Ao analisarmos a dinâmica do crédito em nosso país, encontramos importante papel exercido pelas empresas que organizam e divulgam informações negativas relacionadas aos tomadores de empréstimos. Essas organizações informam, em base

nacional, se determinada empresa ou pessoa tem cheques sem fundo e/ou títulos protestados. Portanto, os bancos têm uma ferramenta de análise, que de certa forma mitiga a assimetria de informação inerente ao setor. Outro argumento antagônico ao peso da inadimplência na construção do spread é o de que, em casos de risco acentuado de não pagamento dos empréstimos, os bancos deveriam racionar o crédito. Isso não se observa em nossa economia, uma vez que o volume de crédito concedido tem subido acima da inflação.

O poder de mercado dos bancos brasileiros tem relação direta com a falta de alternativas à disposição dos poupadores/tomadores. Como temos um mercado acionário muito pequeno, e nossa cultura relacionada ao mercado de capitais é ainda incipiente, a intermediação fica concentrada nos bancos. Como em muitos mercados com estrutura oligopolística, as margens de intermediação serão tanto maiores quanto maior o poder de mercado de seus agentes.

Para se ter uma idéia desse poder, oito entre os dez maiores bancos detêm 85% das agências bancárias do país. Essa estrutura se reflete no alto spread pago pelos investidores. Se, por um lado, louva-se a preocupação do Banco Central em administrar de forma cuidadosa o risco sistêmico, por outro lado observa-se que não existe qualquer restrição a novas aquisições por parte dos bancos já instalados. Sobre o setor financeiro não existe nenhum tipo de controle concorrencial, como o que se observa em outros segmentos.

Os bancos brasileiros podem estar exercendo poder de mercado, e com isso poderiam estar obtendo renda extra. Os lucros divulgados constataam essa evidência. Esse tema deveria ser discutido por toda a sociedade tendo em vista a importância que a intermediação financeira tem para o desenvolvimento do país.

---

**José Fajardo** é professor do Ibmecc/RJ.

E-mail: pepe@ibmeccrj.br

**Marcelo Maciel da Fonseca** é mestre em economia pelo Ibmecc/RJ.

E-mail: fonseca.marcelo@uol.com.br